

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
ENSINO SECUNDÁRIO

UNIDADE LETIVA 4

A civilização do amor

Propostas de soluções para as atividades inseridas
no manual do aluno

ÍNDICE

3	DA CIVILIZAÇÃO EM CRISE À CIVILIZAÇÃO DO AMOR
3	Proposta de atividade (p. 15)
3	Proposta de atividade (p. 19)
5	Proposta de atividade (p. 21)
5	O PERSONALISMO DE EMMANUEL MOUNIER
5	Proposta de atividade (p. 30)
7	A REVELAÇÃO DO AMOR NAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS
7	Proposta de atividade (p. 32)
8	Proposta de atividade (p. 33)
8	Proposta de atividade (p. 34)
9	Proposta de atividade (p. 36)
10	Proposta de atividade (p. 37)
11	O PODER TRANSFORMADOR DO AMOR
11	Proposta de atividade (p. 41)
12	CONDIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA CIVILIZAÇÃO DO AMOR
12	Proposta de atividade (p. 46)
12	Proposta de atividade (p. 50)
14	Proposta de atividade (p. 52)
15	Proposta de atividade (p. 54)
18	O AMOR FRATERNAL
18	Proposta de atividade (p. 57)
18	Proposta de atividade (p. 58)
20	Proposta de atividade (p. 60)

DA CIVILIZAÇÃO EM CRISE À CIVILIZAÇÃO DO AMOR

Proposta de atividade (p. 15)

1. Trabalho pessoal dos alunos.
2. Algumas respostas concretas a situações de pobreza que tenham sido promovidas por alguma instituição da sociedade civil ou da Igreja local:
 - a) Conferências Vicentinas: visitam doentes e assistem as famílias mais pobres das comunidades; em alguns lugares são o elo de ligação do Banco Alimentar com as comunidades locais;
 - b) Banco Alimentar: recolhe e distribui bens por instituições de solidariedade social;
 - c) Centro Sociais e Paroquiais: apoios a famílias necessitadas...
 - d) Outras IPSS (instituições particulares de solidariedade social): apoio aos sem-abrigo; grupo de voluntários que se disponibilizam para dar refeições aos sem-abrigo...
3. A resposta depende do trabalho prévio dos alunos. Nota: ajudar os alunos a perceber que se trata de «erradicar» e não de «remediar» ou «prolongar» a pobreza; normalmente a assistência aos pobres é feita de modo a manter a sua dependência, sem atacar as causas que a provocam (ignorância, álcool, consumos desequilibrados...).

Texto de apoio

Muitas vezes, ao longo da história, pensou-se que era suficiente a criação de instituições para garantir à humanidade a satisfação do direito ao desenvolvimento. Infelizmente foi depositada excessiva confiança em tais instituições, como se estas pudessem atingir automaticamente o objetivo desejado. Na realidade, as instituições sozinhas não bastam, porque o desenvolvimento humano integral é primariamente vocação e, por conseguinte, exige uma livre e solidária assunção de responsabilidade por parte de todos.

Bento XVI, Encíclica Social *Caritas in Veritate*, 11.

Proposta de atividade (p. 19)

1. Resposta pessoal.
2. O autor põe o dedo na ferida: em ambos os casos as «ideologias» dominantes esqueceram o fator humano. A pessoa humana precisa tanto de dar resposta ao seu desejo natural de ter algo de seu e de participar na construção da vida social, afirmando-se enquanto ser individual (direito negado pelo

marxismo), como precisa de regular e controlar o seu instinto de posse (aspeto esquecido pelo liberalismo económico que acreditava no poder «autorregulador» dos mercados).

3. Trata-se, fundamentalmente, de perceber a necessidade de um enquadramento ético, na relação das pessoas com os bens. «O que falhou, então, não foi apenas a crença na desregulamentação do mercado, na concentração cada vez maior das empresas, nos lucros astronómicos distribuídos entre acionistas e gestores. O que falhou, antes de mais, foi a noção de ética nos negócios, a convicção de que a criação de riqueza tem uma finalidade social, não podendo aproveitar apenas ao seu detentor, e que a riqueza, fundada na miséria alheia (ou no endividamento de todos perante a banca), conduz, mais cedo ou mais tarde, à falência geral».

Texto de apoio

De facto, a economia tem necessidade da ética para o seu correto funcionamento; não de uma ética qualquer, mas de uma ética amiga da pessoa. Hoje fala-se muito de ética em campo económico, financeiro, empresarial.

Nascem centros de estudo e percursos formativos de negócios éticos; difunde-se no mundo desenvolvido o sistema das certificações éticas, na esteira do movimento de ideias nascido à volta da responsabilidade social da empresa. Os bancos propõem contas e fundos de investimento chamados «éticos». Desenvolvem-se as «finanças éticas», sobretudo através do microcrédito e, mais em geral, de microfinanciamentos. Tais processos suscitam apreço e merecem amplo apoio. Os seus efeitos positivos fazem-se sentir também nas áreas menos desenvolvidas da Terra.

Todavia, é bom formar também um válido critério de discernimento, porque se nota um certo abuso do adjetivo «ético», o qual, se usado vagamente, presta-se a designar conteúdos muito diversos, chegando-se a fazer passar à sua sombra decisões e opções contrárias à justiça e ao verdadeiro bem do ser humano. Com efeito, muito depende do sistema moral em que se baseia. (...) Um dado é essencial: a necessidade de trabalhar não só para que nasçam setores ou segmentos «éticos» da economia ou das finanças, mas também para que toda a economia e as finanças sejam éticas: e não por uma rotulação exterior, mas pelo respeito de exigências intrínsecas à sua própria natureza.

Bento XVI, Encíclica Social *Caritas in Veritate*, 45.

Proposta de atividade (p. 21)

1. Trabalho de investigação, cuja resposta depende da orientação dada por cada aluno e pelo contexto.
2. Exemplo de resposta (ver, entre outras, a sugestão da página 62):

Banco do tempo

Cria um «Banco do Tempo», no qual disponibilizas, em conjunto com os teus colegas, um determinado intervalo de tempo livre para serviços sociais na escola e fora dela. Concretiza as seguintes tarefas:

1. Divulga a iniciativa no seio da comunidade educativa, promovendo inscrições.
2. Identifica uma variedade de espaços e serviços onde desenvolver a atividade.
3. Regista a disponibilidade efetiva de tempo livre de cada um.
4. Elaborar um mapa-grelha, atribuindo a cada participante uma tarefa, num tempo determinado.
5. Divulga esse mapa-grelha na comunidade educativa e coordena a implicação pessoal de cada elemento na atividade.
6. Elaborar, permanentemente, relatórios sobre o desenvolvimento e concretização da atividade.

O PERSONALISMO DE EMMANUEL MOUNIER

Proposta de atividade (p. 30)

1. Algumas situações em que o ser humano é tratado como indivíduo:
 - a) Quando é visto na perspetiva de mero utente, de simples utilizador, de cliente, ou apenas como número estatístico.
 - b) Quando são exaltados, até ao extremo, os direitos individuais, esquecendo o corpo social em que todos estamos integrados. A exasperação dos direitos desemboca no esquecimento dos deveres.
 - c) Quando a publicidade estimula a autopromoção exclusivamente material ou exterior do indivíduo, ou quando o manipula através da mentira, da meia verdade ou da omissão da verdade.
 - d) Quando os próprios jogos e os tempos de diversão cada vez mais se reduzem a jogos individuais em que, no máximo, o interlocutor é o computador.
 - e) Quando se nega à família as mais básicas condições de vida.
 - f) Quando se reduz a fé a um ato de piedade individual («eu cá tenho a minha fé»), furtando-se ao compromisso comunitário.

g) Quando se procuram aniquilar estruturas comunitárias de identificação social e cultural, como por exemplo o domingo. Se não houver um espaço e um tempo comuns de convivência, como articular minimamente a vida em sociedade?

Nota: Ajudar a refletir sobre a necessidade de pensar a sociedade, não a partir do indivíduo isoladamente, mas a partir do seu feixe de relações, acentuando, por exemplo, e nesse contexto, a necessidade de defender o domingo, como dia de descanso, «pelo menos, na generalidade dos casos e na normalidade das vidas» para salvaguarda da vida familiar em comum, como um bem essencial e expressão de uma salutar cidadania.

Algumas situações em que o ser humano é tratado como pessoa:

- a) Quando é amado e chamado pelo próprio nome.
- b) Quando se tem em vista o seu desenvolvimento integral, em todas as dimensões (social, cultural, lúdica, afetiva, religiosa...).
- c) Quando se tem em conta o caráter único e original de cada um.
- d) Quando se sobrepõe o bem comum, ao interesse individual.
- e) Quando se respeita o direito à vida.

2.1. Os velhos são, em muitas circunstâncias, abandonados pela família, vivem numa permanente solidão, não são tidos em conta nas tomadas de decisão familiar, nem a sua opinião é tomada em consideração, não se lhes reconhece utilidade nem sabedoria...

Havia, por exemplo, que potenciar a vontade de muitas famílias portuguesas de cuidar dos seus anciãos, ajudando-as economicamente a integrá-los no próprio contexto familiar, em vez de os «arrumarem» num Lar, descontextualizando as pessoas dos seus próprios ambientes.

No caso de pessoas portadoras de deficiência, em vez de simplesmente se lhes «subsidiar o emprego», procurar também descobrir as «habilidades» e competências de cada um em outras áreas, permitindo que assumam funções em trabalhos onde possam fazer render os seus talentos.

3. Decálogo para a construção de uma verdadeira sociedade personalista:

1. Cada pessoa é um ser único, original e irrepetível; mas só conhece e reconhece essa originalidade, na relação e na comunhão com os outros. Deve, pois afirmar a sua originalidade no contexto da relação interpessoal.
2. Cada pessoa tem direito a oportunidades iguais, em ordem ao desenvolvimento da sua identidade e diferença próprias.
3. Cada pessoa é mais do que aquilo que efetivamente produz, fabrica, inventa, deseja e consome.
4. A pessoa nunca pode ser considerada um objeto apropriável e dominável, mas sempre sujeito de direitos e deveres, em relação a outrem.

5. A pessoa não é uma coisa. As coisas têm um custo e um valor relativo; a pessoa não tem preço; o seu valor é incomensurável.
6. O mais digno esforço pessoal consiste em desenvolver a qualidade interior de ser em si e por si, com os outros e para os outros.
7. A pessoa não é programada; é bem capaz de se superar a si própria.
8. A pessoa é um sujeito livre, capaz do melhor (se for orientada para valores positivos) e do pior (se for condicionada pelo seu instinto de posse e defesa). Deve, pois, orientar a sua liberdade para o bem e dominar os seus instintos mais primários.
9. A dignidade da pessoa traduz-se na busca aturada e racional do bem, da verdade e da beleza.
10. Cada pessoa é vocacionada para se tornar um ser de conhecimento, de comunicação e de comunhão, enquanto ser espiritual que se realiza na vida social.

A REVELAÇÃO DO AMOR NAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS

Proposta de atividade (p. 32)

1. A verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria figura de Jesus de Nazaré, o Cristo, cuja vida encarnou o valor supremo do amor.

No Novo testamento o amor a Deus e o amor ao próximo provêm da mesma fonte (o amor de Deus) e são dois mandamentos absolutamente indissociáveis. Além do mais, o conceito de «próximo» é universalizado, não podendo restringir-se à pessoa da minha raça, da minha religião, do meu país...

2. O amor não é só um sentimento, a ele pertencem também a inteligência e a vontade. Deus dirige-se à nossa inteligência, à nossa vontade e ao nosso sentimento, de modo a que possamos aprender a amá-lo com todo o coração e toda a alma.

3. O amor, de facto, não o encontramos já acabado em nós próprios, mas cresce connosco, ou não cresce se nós não crescermos humanamente. Trata-se de uma aprendizagem lenta que, pouco a pouco, vai abrangendo todas as nossas forças e nos abre o caminho para uma vida ética. O amor de que aqui se fala não é, obviamente, apenas um sentimento. Implica a totalidade da pessoa. Para atingir o cume do amor perfeito (cf. 1Cor. 13, 1-13), «são necessárias purificações e amadurecimentos, que passam também pela estrada da renúncia». Renúncia a si e ao que é seu, de modo a ser para os outros na partilha de si e do que lhe pertence.

Proposta de atividade (p. 33)

1. O amor brota do reconhecimento do amor de Deus, daquele amor com que Deus nos amou primeiro, e da sua manifestação no próprio Jesus Cristo.
2. Sim. O amor testemunhado por Jesus pode ser posto em prática por cada ser humano, na medida em que se deixar tocar e transformar pelo mesmo amor com que é amado por Deus. Ele não só nos ofereceu o amor, mas viveu-o em primeiro lugar e bate de muitos modos ao nosso coração para suscitar o nosso amor como resposta.
3. Só amando, a pessoa se torna capaz de amar ainda mais e deixar-se amar. Quanto mais exercita o dom de si mesma, no amor, mais capaz se tornará de amar. A pessoa que se fecha continuamente sobre si própria torna-se cada vez mais incapaz de amar. Pelo contrário, quanto mais ama, mais se abre ao amor.

Proposta de atividade (p. 34)

1. A avaliação da justiça depende de cada aluno. Proposta de resposta: O rei-juiz foi justo na medida em que dá a cada um de acordo com as suas obras, sobretudo de acordo com a maneira como cada um se deixou interpelar pelo outro com quem vivia.
2. O exame final da vida pessoal versa sobre o amor, a entrega e a doação aos outros.
3. O juiz identificou-se com
 - a) os que passam fome; os que hoje têm fome real do pão de cada dia, fome do pão da cultura, fome do pão da Palavra de Deus...
 - b) os que passam sede; os que hoje passam sede nos países desertificados, os povos tecnologicamente subdesenvolvidos, os analfabetos, os infoexcluídos.
 - c) os peregrinos; os atuais refugiados, migrantes, mas também os que procuram um sentido para a vida, nas diversas propostas que as espiritualidades e religiões oferecem...
 - d) os despidos; os atuais sem-abrigo ou os desempregados.
 - e) os doentes; os atuais alcoólicos, doentes de SIDA, toxicod dependentes, mutilados de guerra, deprimidos...
 - f) os presos; os atuais perseguidos pelas sua raça, pensamento ou condição, os que não gozam de liberdade de expressão...

Proposta de atividade (p. 36)

1. A tendência natural do ser humano, perante a miséria, é questionar, de imediato, a existência de um Deus justo e atento a cada pessoa. Mas, na verdade, essa pergunta dirige-se à própria humanidade, quando Deus, que nos confiou a Terra, nos pergunta: «que fizeste do teu irmão»? Com certeza, uma fé verdadeira conduz a pessoa a ver o rosto de Deus no próximo. E, nesse sentido, a indiferença em relação aos pobres indicia no coração humano, a pura ausência de Deus.

2. Trata-se de uma evidência, sobretudo quando a radicalidade desse amor mostra que ele é motivado não apenas por um sentido humano do dever, mas por um amor maior, que brota da fé em Deus. Por isso, quem diz que ama a Deus, que não vê, e não ama o próximo que vê, é um mentiroso e o amor de Deus não está nele. Pelo contrário, onde há caridade e amor aí habita Deus. Deus torna-se visível quer no rosto do sofredor, quer no rosto de quem o ajuda.

Texto de apoio

16. «Se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê?» (1 Jo 4, 20). Aqui se destaca o nexo indivisível entre o amor a Deus e o amor ao próximo: um exige tão estreitamente o outro que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira, se o homem se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar. O citado versículo da primeira Carta de São João deve, antes, ser interpretado no sentido de que o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e que fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus.

18. Se na minha vida falta totalmente o contacto com Deus, posso ver no outro sempre e apenas o outro e não consigo reconhecer nele a imagem divina. Mas, se na minha vida negligencio completamente a atenção ao outro, importando-me apenas com ser «piedoso» e cumprir os meus «deveres religiosos», então definha também a relação com Deus. Neste caso, trata-se duma relação «correta», mas sem amor. Só a minha disponibilidade para ir ao encontro do próximo e demonstrar-lhe amor é que me torna sensível também diante de Deus.

Bento XVI, Encíclica *Deus Caritas est*, 16 e 18.

Proposta de atividade (p. 37)

1. Para ser autêntica, a compaixão deve basear-se no respeito pelo outro e na compreensão de que os outros, tal como nós, têm o direito de ser felizes e de viver uma vida sem sofrimento. A verdadeira compaixão deve ser imparcial e universal e requer uma autêntica preocupação pelos outros. Um aspeto deste tipo de compaixão é o sentimento de responsabilidade pelos outros.
2. O que justifica a compaixão é o reconhecimento de que cada pessoa é igual a nós.
3. Semelhanças e diferenças entre a visão budista da compaixão e a visão cristã do amor fraterno:

Semelhanças:

A compaixão é uma emoção valorizada, pelo menos, nas principais tradições religiosas. O seu valor tem-se mantido e é reconhecido, ao contrário de outras palavras cujo sentido se apagou ou distorceu com o tempo. Referimo-nos à «hesed» da tradição bíblica, ao «amor das entranhas» que os primeiros cristãos de língua grega traduziram por «ágape» e os de língua latina verteram no neologismo «caritas», cuja raiz é a «charis», ou graça, pedida de empréstimo aos gregos. Em suma, quando se fala de compaixão, fala-se de um amor marcado pela gratuidade, que encontra paralelos e convergências noutras tradições antigas. Trata-se, afinal, de uma emoção delicada: um transbordar do coração perante os sofrimentos dos outros. É um movimento profundo que arranca das raízes do nosso ser, antecedendo a reflexão da razão e a inclinação da vontade, e motivando ações concretas em favor dos que padecem.

Diferenças:

O amor fraterno é uma virtude ou força espiritual. Os cristãos entendem que brota do próprio Deus e por isso lhe chamam virtude teologal. Nesse sentido, antes de ser ação, ela é atenção, vigilância. Dir-se-ia que é a condição do outro, que abre em nós a fonte da nossa própria humanidade. Por isso, a compaixão manifesta-se como resposta espontânea à miséria do outro: um excesso que transborda do coração de qualquer homem ou mulher, independentemente da sua filiação ideológica e religiosa, ou ausência dela. Neste sentido, a mística da compaixão (cristã) não é senão a paixão por Deus, que se experiencia e demonstra como compaixão, como mística dos olhos abertos. «A compaixão cristã nada tem a ver com o pietismo ou com o assistencialismo. Pelo contrário, é sinónimo de solidariedade e de partilha, e é animada pela esperança» (Bento XVI).

Texto de apoio

Conclui assim o texto da famosa «Carta pela Compaixão»: «É urgente que façamos da compaixão uma força clara, luminosa e dinâmica no nosso mundo polarizado. Com raízes numa determinação de princípios de transcender o egoísmo, a compaixão pode quebrar barreiras políticas, dogmáticas, ideológicas e religiosas. Nascida da nossa profunda interdependência, a compaixão é essencial para os relacionamentos humanos e para uma humanidade realizada. É o caminho para a iluminação e é indispensável para a criação de uma economia justa e de uma comunidade global pacífica».

O PODER TRANSFORMADOR DO AMOR

Proposta de atividade (p. 41)

1. Todo o tipo de pessoas que, sob a capa de voluntariado generoso, procuram apenas promover a sua imagem e descarregar a consciência dos seus excessos na esmola aos mais carecidos. Trata-se de pessoas que nunca dão nada que lhes faça falta, mas até no que dão procuram proveito. O interesse pessoal está sempre à frente da necessidade alheia.
2. A sua ação caritativa é uma forma subtil de disfarçar o seu egoísmo e de promover a sua imagem junto de outros. Não há nela uma verdadeira preocupação pelo bem do outro.
3. Trata-se de um impulso da vontade que não tem em vista o bem do outro, mas a sua própria satisfação ou compensação.

Texto de apoio

É hora duma nova «fantasia da caridade», que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna.

João Paulo II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, 50.

CONDIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA CIVILIZAÇÃO DO AMOR

Proposta de atividade (p. 46)

1. O resultado depende da pesquisa na *net* feita por cada aluno.
2. A resposta depende do contexto escolar. O essencial é fazer bem o diagnóstico dos problemas existentes na escola e elaborar um plano exequível.
3. A apresentação do trabalho depende de cada contexto.

Proposta de atividade (p. 50)

1. A resposta depende da opinião de cada aluno. O professor pode destacar os requisitos:
 - a) A procura daquilo que é verdadeiro, bom e justo para todas as pessoas, para todos os grupos e para todas as sociedades.
 - b) A abertura para o acolhimento.
 - c) A aceitação da diferença e da especificidade do outro, medindo bem aquilo que o separa do outro, assumindo o risco de tensão que daí resulta.
 - d) A busca daquilo que é e permanece comum aos seres humanos, mesmo nas tensões, nas oposições e nos conflitos.
 - e) A procura do bem com meios pacíficos.
2. O mais difícil de pôr em prática talvez seja aceitar a diferença do outro, sem perder a especificidade de cada um.
3. Outros requisitos: capacidade de escuta; humildade para acolher outros pontos de vista...
4. Exemplos de situações de diálogo:
 - a) Diálogo entre um crente e um não crente.
 - b) Diálogo entre governo e oposição.
 - c) Diálogo entre um bispo e um jornalista.
 - d) Diálogo entre um pai e um filho.

Houve um interessante diálogo entre Dom José Policarpo e Eduardo Prado Coelho em finais de 2003. Pode procurar-se no sítio eletrónico do patriarcado de Lisboa o texto integral, aproveitando uma das perguntas e a respetiva resposta. Por exemplo:

Excerto da Carta de Eduardo Prado Coelho

(...) Não é uma questão de hipocrisia, que foi durante muitos anos o grande defeito que se atribuiu aos que defendiam a palavra de Deus: façam o que ele diz e não o que ele faz (situação que por motivos de rima se atribuía a frei Tomás). E ainda hoje (mas este é um tema delicado e maior, a que teremos certamente que voltar) os casos de pedofilia e encobrimento deliberado da pedofilia fazem emergir a ideia de que a Igreja é estruturalmente hipócrita em torno dos problemas da sexualidade (o que passa pelo papel das mulheres e pela questão sempre controversa do celibato).

Excerto da resposta de Dom José Policarpo:

Não, meu caro amigo, não chame hipócrita a quem não desiste, apesar da sua fragilidade. A vocação cristã, incluindo a do celibato, encerra sempre a utopia de um ideal. Você lançou-me o repto do celibato, tema a que não fugirei, em tratamento mais aprofundado, noutra carta. Peço-lhe só, como homem de cultura, que não fale dele assim. Está em questão a vida de centenas de milhares de homens e mulheres que, no mundo de hoje, acreditaram na utopia de uma outra vivência da sexualidade e da ternura, e que são na sociedade, sobretudo junto dos mais fracos, os pobres e os doentes, expressão de bondade, de serviço, de gratuidade, de amor.

Estratégia

1. Eduardo Prado Coelho terá de rever a sua forma generalizante de falar do celibato, embora seja em casos concretos, uma justa crítica.
2. Dom José Policarpo terá de aceitar a dificuldade de perceber o celibato fora do horizonte da fé.

Alguns livros de referência

- CLEMENTE Dom Manuel e FERNANDES José Manuel, *Diálogo em tempo de escombros. Uma conversa sobre Portugal, o mundo e a Igreja Católica*, Colares, Ed. Pedra da Lua, 2010.
- RATZINGER Joseph e D'ARCAIS Paolo Flores, *Existe Deus. Um confronto sobre verdade, fé e ateísmo*, Lisboa, Ed. Pedra Angular, 2009.
- MARTINI Carlo Maria e ECO Umberto, *Em que crê quem não crê?*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2000.

Proposta de atividade (p. 52)

1. Os encontros inter-religiosos são passos concretos que desbravam caminhos de reconciliação e tornam público o esforço concreto do diálogo em favor da paz.

2. Interpretações da religião que conduzem à paz são as que olham para o seu potencial ético e propõem aos seus crentes a aplicação desse universo de valores na relação que estabelecem com qualquer ser humano, independentemente da sua origem ou pertença; são as que encaram as outras religiões não como concorrentes que é preciso abater, mas como colaboradoras na atribuição de um sentido global para a vida e na proposta de orientações éticas universais.

Interpretações da religião que conduzem à violência são as que se entendem como detentoras exclusivas da verdade e não como uma aproximação à verdade inefável que só Deus é; são as que se entendem como caminhos válidos de salvação, sem excluïrem a possibilidade de haver outros caminhos também válidos em outras formas religiosas ou mesmo não religiosas.

A onze de setembro de 2001, fomos abalados com a destruição das «Torres Gêmeas» de Nova Iorque. Não faltaram prenúncios de guerra civilizacional e religiosa iminente. No dia seguinte, o papa João Paulo II pronunciava-se em Roma, mas nos seguintes termos:

«Ontem foi um dia obscuro na história da humanidade, uma ofensa terrível contra a dignidade do ser humano. [...] O coração do ser humano é um abismo de que, às vezes, emergem desígnios de ferocidade inaudita [...]. Mesmo quando a força das trevas parece prevalecer, o crente sabe que o mal e a morte não são a última palavra» (João Paulo II, Audiência geral de 12 de setembro de 2001).

A reação do papa fez-se em nome da dignidade humana. Mas também alerta para a raiz profunda do mal, num domínio tão imponderável como é o «coração» humano.

A referência final é também transcendente: «o crente sabe que o mal e a morte não são a última palavra». É desta ordem última o contributo da religião para a causa da paz: um otimismo que provém mais da esperança no desenlace positivo da história humana, da fé num Deus que garante a vida e a justiça, do que das capacidades humanas para construir o mundo.

3. Deus é o bem supremo, a síntese de todos os valores. Fazer a guerra é a antítese, a negação dos mais elementares valores éticos. Fazer a guerra em nome de Deus só é possível quando se desfigura Deus, tendo dele uma imagem que inclua a vingança, a prepotência, etc., ou seja, alguém que deseja a guerra, ou quando se considera a guerra um mal necessário, excluindo todas as vias alternativas e não violentas de resolução dos conflitos.

Neste momento, subsistem muitos fatores de separação e conflito no mundo. Alguns deles alegam motivos religiosos. Mas a ligação a um único Criador deve aproximar as criaturas, já que a experiên-

cia religiosa essencial o subtrai a qualquer instrumentalização particularista. Místicos de todos os credos sempre se encontraram mais facilmente do que outros, que tingem de coloração religiosa combates antigos e modernos. As grandes instituições religiosas, conservando a memória exemplar dos respectivos iniciadores, são geralmente capazes de rever práticas e abrir o futuro, como o que se tem construído no atual movimento ecumênico a favor da paz: Santo Egídio, Assis, Astana, vão-se somando, rumo ao mais precioso dos bens.

Textos de apoio

Neste contexto, e precisamente aqui, nesta terra, aberta ao encontro e ao diálogo, e perante uma assembleia tão qualificada, desejo reafirmar o respeito da Igreja Católica pelo Islão, o autêntico Islão: o Islão que reza, que sabe ser solidário com quem se encontra em necessidade. Recordando-nos dos horrores do passado também recente, todos os crentes devem unir os seus esforços, para que jamais Deus seja refém das ambições dos seres humanos. O ódio, o fanatismo e o terrorismo profanam o nome de Deus e desfiguram a autêntica imagem do ser humano.

João Paulo II, Encontro com os representantes do mundo da cultura, da arte e da ciência,
Astana, 24 de setembro de 2001.

É necessário que as pessoas e as comunidades religiosas manifestem a mais clara e radical rejeição da violência, de toda violência, a partir daquela que pretende encobrir-se de religiosidade, até apelando ao nome santo de Deus para ofender o ser humano. A ofensa do ser humano é, afinal, ofensa de Deus. Não existe finalidade religiosa que possa justificar a prática da violência humana sobre outros seres humanos.

Edificar a paz na ordem, na justiça e na liberdade exige o compromisso prioritário da oração, que é abertura, escuta, diálogo e, no fim, união com Deus, fonte originário da verdadeira paz. Rezar não significa evadir-se da história e dos problemas que ela apresenta. Ao contrário, é escolher enfrentar a realidade, não sozinhos, mas com a força que vem do alto, a força da verdade e do amor, cuja última fonte está em Deus.

João Paulo II, Discurso no encontro inter-religioso de Assis, 24.01.2002

Proposta de atividade (p. 54)

1. Por exemplo:

- a) Troca de ideias para se chegar a um entendimento (Dic. da língua portuguesa da Porto Editora).
- b) Comunicação verbal em voz alta entre duas pessoas; Discussão, troca de ideias entre grupos com vista a um entendimento (Dic. Verbo da língua portuguesa).

c) [Procurar, por exemplo, na wikipédia, no Google, noutros dicionários ou enciclopédias.]

2. Sugere-se a procura em diversos tipos de dicionário (dicionário de filosofia, dicionário de psicologia, dicionário de sociologia, dicionário de ecumenismo, dicionário das religiões, etc). Por exemplo: colóquio; comunicação; conversa; conversação; discussão; fala (Dic. de sinónimos da Porto Editora).

3. Textos sobre o diálogo:

Diálogo

Levarás
pela mão
o menino
até ao rio. Dir-lhe-ás
que a água é cega
e surda. Muda,
não. Que o digam
os peixes, que em silêncio
com ela sustentam
seu diálogo
líquido, de líquidas
sílabas
de submersas
vogais.

Albano Martins, *Castália e Outros Poemas*

A ideia de que o pensamento recitado é uma demonstração de seriedade não conduz a parte alguma. A política, enquanto tal, é o exercício da relação com o outro, e, em princípio, a prática de um diálogo só interrompido pela arrogância — ou pela fragilidade, aliás, o esconderijo da arrogância.

Baptista-Bastos

A confiança fortalece-se quando o diálogo e a interação não se baseiam em falsos assentimentos e condescendências, mas numa atitude de responsabilidade e autenticidade. Uma resposta pela negativa pode romper um vínculo, mas estabelece um compromisso de sinceridade, de respeito por nós e pelos outros.

Cláudia Freitas

O diálogo não se impõe apenas como exigência para a paz. Ele é constitutivo do ser Homem, pois a identidade é atravessada e mediada pela alteridade. Sem «tu», não há «eu».

Anselmo Borges

O diálogo é um exercício difícil, pois exige que nos capacitemos de que, além de falar, também devemos ouvir. E, mais importante, é necessário que, além de escutarmos, estejamos dispostos a entender o ponto de vista do outro, ainda que ele seja diferente do nosso. Talvez assim seja possível chegarmos a um entendimento em que ambas as partes cedem mas ganham alguma coisa.

Cláudia Freitas

Por vezes, entre duas partes antagónicas, é necessário deixar que o clima atinja a temperatura mais elevada para que se consiga restabelecer o diálogo.

José Pereira Leite

O diálogo é importante, mas dizer tudo o que fantasiamos, sonhamos ou desejamos pode ser a frase que mata a relação: nem sempre pensamos o que o outro deseja, nem desejamos aquilo que ele pensa. Seria bom que nos conseguíssemos sempre ouvir com respeito, mas às vezes o descontrolo toma conta de nós e tudo se desmorona.

Daniel Sampaio

A melhor maneira de respeitar um autor é fazer alguma coisa com o que ele fez. Eu adorava que fizessem alguma coisa com o que fiz. Respeitar é continuar, como se fosse um diálogo, uma conversa.

Gonçalo M. Tavares

Para Paul Valéry, «dez minutos de conversação dão a ver, dissipam, invertem, simplificam muitas coisas sobre as quais nunca se teria tido mais do que ideias populares ou literárias». Conversar é também uma arte do efémero que tanto parte de ideias feitas como desfaz ideias feitas e pode assim tornar-se uma pedagogia, nisto se aproximando do diálogo clássico.

Vasco Graça Moura

Para dialogar,
Perguntai primeiro;
depois... escutai.

Antonio Machado (1875-1939)

Um verdadeiro liberal distingue-se não tanto pelo que defende como pelo empenho com que o defende: a tolerância antidogmática, a busca do consenso, o diálogo como essência democrática.

Bertrand Arthur William Russell

4. A resposta depende dos resultados da pesquisa de cada aluno.

O AMOR FRATERNAL

Proposta de atividade (p. 57)

1. [A elaboração do portefólio pode partir de uma visita à Casa do Gaiato, da consulta do jornal «O Gaiato», da consulta dos livros do Padre Américo ou de informações recolhidas na *internet*.]

2.1. Critérios para uma definição de «exemplo da civilização do amor»: amor abnegado, generosidade, compreensão, gratuidade, tolerância, diálogo, luta pela paz...

2.2. Sugestão: Poderão também referenciar-se pessoas da comunidade local (bombeiro, vicentino, médico...) e não apenas pessoas conhecidas, nacional ou internacionalmente.

2.3. Evidenciar as características da pessoa, do seu ser e agir, que justificam o seu contributo para a edificação da civilização do amor.

Proposta de atividade (p. 58)

1. Concordo com a afirmação. Se quiséssemos usar uma imagem bíblica, diríamos que «por um só homem veio a salvação» e que, por isso, basta haver uma única pessoa compassiva, que fecunde a compaixão e a misericórdia no coração dos outros, para que essa compaixão não desapareça do mundo. Uma pessoa compassiva e misericordiosa livra-nos da tentação de desesperarmos das possibilidades de conversão ao bem da humanidade inteira.

2. Em geral, qualquer pessoa que se distinga pela sua bondade faz germinar a esperança de uma humanidade nova. Os santos são um bom exemplo.

Texto de apoio

A recordação e a festa de todos os santos é um convite a ter confiança na humanidade. A acreditar nas possibilidades da pessoa humana e na superior abundância da graça de Deus, sobre todas as misérias humanas. Há de facto gente muito sã e santa, entre os famosos e os desconhecidos, entre os mediáticos e os remediados, entre nós e connosco, no canto do trabalho ou no recanto da nossa casa. Há ainda, graças a Deus, muito quem viva acima da média, numa vida heroica e simples, de entrega e de sacrifício, de resistência e de fidelidade, no meio de grandes tribulações, de crises e sofrimentos.

Esta humanidade, nesta Igreja que somos, tem dado, graças a Deus, frutos preciosos, vidas completas, de homens e mulheres, de servos e servas, que rejeitaram a mediocridade, que viveram de modo extraordinário o ordinário dos seus dias. Sem dúvida, que não faltam à Igreja filhos obstinados e até rebeldes, mas é nos seus santos que a Igreja reconhece os seus traços característicos, e precisamente neles saboreia a sua glória mais profunda.

Não por acaso, João Paulo II incansavelmente se dedicou a beatificar ou a canonizar pessoas de diversos países, de diferentes famílias religiosas, de diversos estados de vida, destes tempos que são os nossos. E tivemos a felicidade de contar com a beatificação da Madre Teresa de Calcutá (26-08-1910 a 5-09-1997). Era uma santa, com direito excecional a tempos de antena. Uma pequenina mulher que víamos na sua fragilidade feminina e na sua grandeza evangélica tornar-se não só a mais pequena, mas a serva dos mais pequenos. A própria comunicação social não escapava ao fascínio da sua santidade, daquela autêntica e completa humanidade, que brilha no testemunho dos santos, como a Madre Teresa. Ela inclinava-se sobre os mais pequeninos. E os grandes deste mundo vergavam-se à força do seu amor. A sua grandeza residia na sua capacidade de dar sem calcular o custo, de se doar «até doer». Gostava de repetir que *a maior pobreza é não sermos desejados*, não ter ninguém que se ocupe de nós. Por isso, a maior riqueza é conhecermos em nós ou reconhecermos no outro a dignidade de filhos amados por Deus!

Padre Amaro Gonçalo, Homilia na Solenidade de todos os santos, 1997.2010

3. Voltar-se para dentro de si, arrancar e destruir tudo aquilo que ache ser a razão para destruir outros. E compreendermos bem que cada átomo de ódio que acrescentamos a este mundo o faz ainda pior do que ele é.

Este é o caminho, realmente. A começar pela conversão de cada um ao outro. Nada muda no mundo, se eu próprio não mudar nada em mim. Assim como o amor gera o amor, a violência gera violência. Só a beleza do amor salva o mundo.

Proposta de atividade (p. 60)

1. Relação entre o texto do salmo 133(132) e o poema *Os Irmãos*:

Salmo 133 (132)

¹Vejam como é bom e agradável
que os irmãos vivam unidos!
²É como óleo perfumado derramado sobre a cabeça,
a escorrer pela barba, pela barba de Aarão,
a escorrer até à orla das suas vestes.
³É como o orvalho do monte Hermon,
que escorre sobre as montanhas de Sião.
É ali que o Senhor dá a sua bênção,
a vida para sempre.

Ambos os textos falam da harmonia de uma vida vivida fraternalmente. Ambos evidenciam a beleza de uma vida vivida em comunhão, entre irmãos diferentes (entre os seres humanos). O texto poético dialoga sobretudo com o primeiro versículo do salmo, mas também com o «Cântico das criaturas» de Francisco de Assis.

Cântico das criaturas

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
teus são o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.
A ti só, Altíssimo, se hão de prestar
e nenhum ser humano é digno de te nomear.
Louvado sejas, ó meu Senhor,
com todas as tuas criaturas, especialmente o senhor irmão Sol,
que clareia o dia e que, com a sua luz, nos ilumina.
Ele é belo e radiante, com grande esplendor:
de ti, Altíssimo, é a imagem.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Lua e as estrelas:
no céu as formaste, claras, preciosas e belas.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão vento
e pelo ar e pelas nuvens, e pelo sereno e por todo o tempo
em que dás sustento às tuas criaturas.

Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã água,
útil e humilde, preciosa e casta.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão fogo,
com o qual iluminas a noite.
Ele é belo e alegre, vigoroso e forte.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe Terra,
que nos sustenta e governa,
e produz frutos diversos, flores e ervas.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pelos que perdoam pelo teu amor
e suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz,
pois por ti, Altíssimo, serão coroados.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela nossa irmã, a morte corporal,
da qual ser humano algum pode escapar.
Ai daqueles que morrem em pecado mortal!
Bem-aventurados aqueles que cumpriram a sua santíssima vontade,
porque a segunda morte não lhes fará mal.
Louvem e bendigam todos o meu Senhor!
Deem-lhe graças e sirvam-no com grande humildade.

2. O tema central do poema é a fraternidade estabelecida a partir da comum filiação divina («debaixo do céu santo»), pois ninguém pode sentir-se irmão, se não se reconhecer como filho do mesmo Pai.

3. Esta fraternidade não está nunca totalmente adquirida, nem segura, pois permanece o risco de se desvirtuar ou perder, sob o peso do egoísmo, da soberba ou da incompreensão. Para alcançar a fraternidade é preciso aceitar percorrer o caminho difícil que me faz sair de mim mesmo, para ir ao encontro do outro. Não é fácil abrir a própria vida à vida do outro, sem incómodo e sem exigência. Por isso se diz que «o caminho é penoso», isto é, árduo, difícil. A expressão «altar frio» reporta-nos à ideia do lugar onde esta comunhão, fundada em Deus, se exprime e celebra. Esta comunhão esfria-se quando a pessoa se nega ao seu dever mais santo e sagrado: o dom de si mesmo. Esse é o culto verdadeiro!